

PINÓQUIOS DE CARNE E OSSO

Maria João Machado, Educadora de Infância, in Revista Pais & Filhos, 2004

Nós é que somos os verdadeiros «João Grilo» dos filhos e educandos, a consciência dos nossos pequenos pinóquios. Também na vida de todos os dias, as pequenas histórias podem ter um final feliz, mas há que cuidar dos bons guiões.

Enquanto vamos pondo a mesa para jantar num vaivém entre a cozinha e a sala, as minhas filhas vão assistindo a mais um noticiário. Não importa, neste caso, qual o canal televisivo escolhido porque, para o assunto que aqui vos proponho, qualquer um fornece notícias em abundância.

A conversa entre elas desperta a minha curiosidade, quando a mais pequena se mostra escandalizada pelo facto de os adultos mentirem descaradamente. A mais crescida ainda tenta compor o cenário, embora com pouca convicção. Após alguns segundos de argumentação desiste e acaba por concordar com a mais nova. Chegam mesmo a colocar a hipótese de desligar a televisão e só a voltar a ligar uns anos mais tarde. Sabem que esta não é a solução para os problemas, mas custa-lhes aceitar e conviver com um Mundo onde a traulhice e a mentira fazem parte do quotidiano, aparentemente vezes de mais e com direitos de *prime time*. A abrir noticiários, surgem notícias de pessoas que cometeram fraudes e ainda dão a cara para justificar o que não tem justificação possível. Pessoas que se fazem passar pelo que ainda não são e ainda se sentem com esse direito. Pessoas que maltratam a verdade em prol de objectivos pessoais pouco recomendáveis à comunidade. Pessoas para quem o conceito de bem e de mal talvez nunca tenha sido entendido, poucas vezes atingido ou simplesmente ignorado.

Por outro lado, estas notícias aparecem como bombas, mas o seu final, em que o mau da fita é (quando é) castigado, passa despercebido ao pequeno espectador. O crime prevalece no tempo de antena, sobre o castigo.

Desde muito cedo dizemos às crianças que não se deve mentir, por vezes até as castigamos quando o fazem. Contamos-lhes vezes sem fim a história do Pinóquio e as consequências das suas mentiras e fanfarrices. (...) Cabe-nos um papel de extrema importância, que consiste em continuarmos a assumir perante os nossos filhos ou os nossos alunos comportamentos que demonstram honestidade e que sirvam de modelo às crianças. (...)

Todos sabemos que a aprendizagem se faz também através do modelo dos adultos. Neste caso, temos de agir sempre em conformidade como que dizemos. Já pensou como alguns dos seus comportamentos podem baralhar o seu filho? Quando, por exemplo, queremos evitar alguém e damos uma desculpa inventando uma mentira? E quando dá jeito dizer que o nosso filho tem menos um ano ou dois? Mentimos! Já para não falar daquelas vezes em os envolvemos na mentira e lhes pedimos para dizerem que não estamos em casa quando nos bate à porta o tal vizinho que não nos apetece, mesmo nada, atender. E quando fazemos alguns comentários pouco agradáveis, acerca de uma pessoa e depois, na sua presença somos excessivamente amáveis, chegando mesmo a elogiar-lhe as qualidades. Algumas são mentirinhas sem importância, as chamadas mentiras piedosas, com um objectivo muito específico e que não são para generalizar. Só que nas crianças, o sentido crítico ainda não está formado e pelo que observam, nos adultos podem também elas adoptar este tipo de estratégias sempre que lhes pareça vantajoso.

Mentira ou imaginação. Em primeiro lugar, temos de falar da mentira involuntária, daquela que surge sem intenção.

Vários estudos dizem-nos que a capacidade de distinguir entre a realidade e a fantasia só é atingida depois dos 6-7 anos de idade.

Até lá. Não se pode falar em mentira, pois só é considerada como tal quando existe intencionalidade; e antes destas idades não há uma intenção expressa de enganar. A mentira surge, assim, de um modo natural e não como sentido que o adulto vulgarmente lhe atribui.

As crianças inventam histórias, criam outros mundos, constroem outras realidades. A fantasia fá-las acreditar que o que estão a dizer pode mesmo acontecer na vida real. Quando partilham os seus sonhos e as suas histórias não é para nos enganarem ou para nos dizerem fanfarrônicas, é simplesmente para nos fazerem participar. Muitas vezes, o facto de desejarem muito alguma coisa, fá-las imaginar que a tem na realidade e actuam em conformidade com esse facto.

Só para lá dos 8-9 anos é que a criança já é capaz de mentir com a intenção de enganar o outro. Mesmo assim, há que agir com cautela, pois a mentira mais comum é a da criança que tem medo de ser castigada.

Alguns autores são da opinião de que, se formos muito severos a aplicar castigos, estamos de certo modo a contribuir para que a criança minta cada vez mais. Se em situações anteriores reagimos, recorrendo ao castigo, é possível e natural que no futuro a criança não reconheça o erro, tentando deste modo, escapar a mais uma punição. De que lhe serve assumir que errou se à priori já sabe o que o espera? Afinal, dizer a verdade depois de ter mentido já não serve para nada!

Não pode ser, não podemos correr esse risco. Não é de certeza por este caminho que vamos conseguir ensinar os nossos filhos a não mentirem. Talvez reanimar o 1º de Abril seja importante para perceber que a transgressão é a necessária excepção que confirme a regra da verdade.

Para além do que já escrevi no início relativamente aos nossos comportamentos como pais e educadores, e da influência que temos como modelo a seguir, penso que devemos investir numa relação de confiança. Quer isto dizer que só estaremos no bom caminho quando, em conjunto, conseguirmos discutir as razões que levaram à mentira e, sobretudo, quando conseguirmos mostrar que estamos sempre disponíveis para ajudar, mesmo nos momentos mais difíceis e que, portanto, não vale a pena mentir.

Maria João Machado, Educadora de Infância, *in* Revista Pais & Filhos, 2004